

A CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL NA ATUALIDADE

Debora Rodrigues Santos¹

Resumo: Nosso objetivo é discutir a crise estrutural do capitalismo contemporâneo a partir de um breve estudo do livro *Para além do capital* de Mészáros para apreender as características da crise bem como dos limites absolutos do capital. Podemos concluir que o modo de produção capitalista é regido pelo princípio da acumulação e sua dinâmica na articulação das dimensões internas do capital que consistem na produção, no consumo e na circulação/distribuição/realização. Assim, a crise estrutural pressupõe a alteração na totalidade desse compósito do capital em todas as suas dimensões visto que cada uma delas possui seus limites absolutos e estes interagem entre si.

Palavras-chave: Capitalismo; Crise do capital; Crise Estrutural.

Abstract: Our goal is to discuss the structural crisis of contemporary capitalism from a brief study of the book *Beyond Capital* Mészáros to apprehend the characteristics of the crisis as well as the absolute limits of the capital. We conclude that the capitalist mode of production is governed by the principle of accumulation and its dynamics in the articulation of the internal dimensions of capital involving the production, consumption and circulation / distribution / fulfillment. Thus, the structural crisis requires the change within the overall composite of capital in all its dimensions since each has its absolute limits and these interact.

Keywords: Capitalism; Crisis of capital; Structural Crisis.

1. Introdução

O objetivo deste texto é discutir a crise estrutural do capitalismo contemporâneo. Para tanto, realizamos um estudo do livro *Para além do capital* de Mészáros (principalmente os capítulos V e XVIII) para apreender as características da crise bem como dos limites absolutos do capital.

O desenvolvimento da acumulação do capital provém da elevação da produção de mais-valia resultante de maior exploração da força de trabalho, da sua maior produtividade. Assim, revela o pressuposto do modo de produção capitalista que corresponde a “certa acumulação de capital nas mãos de produtores individuais de mercadorias” (Marx, 1985, p.

¹ Estudante de Pós-graduação. Universidade Federal de Alagoas. deborars2@hotmail.com

195). Dessa forma, o desenvolvimento do modo de produção capitalista ocorre a partir da acumulação do capital. Destarte, o aumento desta acumulação causa a mudança na composição do capital, na proporção entre capital constante e capital variável.

O modo de produção capitalista é regido pelo princípio da acumulação que se realiza na exploração de trabalhadores que ao gerarem riquezas para os capitalistas reproduzem a exponenciação da própria pobreza, nunca vista em formas de sociedade anteriores que apenas vivenciaram a pobreza advinda da escassez e do baixo desenvolvimento das forças produtivas.

2. A crise estrutural do capital segundo a concepção de Mészáros

Mészáros (2009, p. 99) entende que o sistema do capital tem sua *raison d'être* na “extração máxima do trabalho excedente dos produtores”. Nesse sentido, o sistema do capital baseia-se na “expansão” e é movido pela “acumulação”. Segundo Mészáros (Idem, p. 100), essa é a sua “determinação mais profunda”.

Em contrapartida, o que deveria ser um dinamismo constante e que fortalecesse cada vez mais esse princípio do capital, também contém o seu limite tendo em vista que se esse sistema for “emperrado (por qualquer motivo) este processo dinâmico de expansão e acumulação” terá “conseqüências devastadoras” (Ibdem, p. 100). Ou seja, o sistema do capital é passível de crises cíclicas inerentes ao seu desenvolvimento revelando certa “normalidade” destas crises. Não obstante, essas “perturbações” também podem se caracterizar como implicações de ordem “sistêmica”, ou melhor, “estrutural”, o que nas palavras do referido autor representa uma crise que

[...] afete o sistema do capital global não apenas em um de seus aspectos – o financeiro/monetário, por exemplo – mas em todas as suas dimensões fundamentais, ao colocar em questão a sua viabilidade como sistema reprodutivo social (MÉSZÁROS, 2009, p. 100).

Seria muito contraditório compreender que um sistema de produção contivesse os próprios elementos da sua inviabilidade e necessidade de substituição por outro modo de produção. Mas nos moldes do capitalismo, isto é possível fundamentalmente porque num contexto de crise estrutural do capital os seus elementos “destrutivos avançam com força extrema, ativando o espectro da incontabilidade total numa forma que faz prever a autodestruição, tanto para este sistema reprodutivo social excepcional, em si, como para a humanidade em geral” (MÉSZÁROS, 2009, p. 100).



Nesta perspectiva, Mézáros assevera que “não há nada especial em associar-se capital a crise”, pois estas crises são “o modo *natural* de existência do capital”, caracterizam como “maneiras de progredir para além das suas barreiras imediatas e, desse modo, estender com dinamismo cruel sua esfera de operação e dominação”. Assim, mesmo que contraditoriamente, “a última coisa que o capital poderia desejar seria uma superação *permanente* de todas as crises” (Idem, p. 795).

Ao analisar a crise estrutural do capital que vivenciamos desde a década de 1970, Mézáros afirma que sua novidade histórica se explicita em quatro aspectos, quais sejam: possui um caráter universal que não se restringe a uma esfera particular; seu “alcance é verdadeiramente global” sendo que atinge todos os países; sua escala de tempo é “extensa, contínua”, ou melhor, é “permanente” em contraposição a uma crise cíclica, situada num determinado período; seu “modo de se desdobrar poderia ser chamado de rastejante”.

Há que se destacar o caráter de severidade da crise estrutural, pois esta se aprofunda cada vez mais e tem em seu bojo critérios que se baseiam principalmente em afetar a *totalidade* “de um complexo social em todas as relações com suas partes constituintes ou subcomplexos, como também a outros complexos aos quais é articulada” (Idem, p. 797). Aí reside a diferença da crise estrutural à cíclica tendo em vista que esta só atinge algumas partes do complexo social e àquela altera substantivamente a totalidade do sistema do capital. Nesses moldes, a crise estrutural tem a possibilidade de “pôr em risco a sobrevivência contínua da estrutura global”, daí a sua severidade em relação às partes do complexo que são atingidas pela crise.

Nesse momento, é preciso entender que o sistema do capital possui limites que podem ser relativos ou absolutos. Mézáros (Idem, p. 103) afirma que os *limites relativos* são os que o capital “redefine e estende” e através dos quais consegue seguir adiante sob diferentes circunstâncias para “manter o mais alto grau possível de extração do trabalho excedente”. Em outra passagem, Mézáros (Idem, p. 175) diz que estes limites relativos do sistema do capital são os que “podem ser superados quando se expande progressivamente a margem e a eficiência produtiva [...] da ação socioeconômica” conseguindo temporariamente tornar mínimos “os efeitos danosos que surgem e podem ser contidos pela estrutura” para garantir o funcionamento do sistema capitalista.

No que concerne aos *limites absolutos*, Mézáros (Idem, p. 175) assegura que são aqueles que de maneira inevitável põem “em ação a própria estrutura causal” do capitalismo implicando na sua crise estrutural e, por conseguinte, no risco da sua própria sobrevivência enquanto modo de reprodução. Sendo assim, Mézáros identifica que:



Somente quando os limites absolutos das determinações estruturais mais internas do capital vêm à tona é que se pode falar de uma crise que emana da baixa eficiência e da assustadora insuficiência da extração do trabalho excedente, com imensas implicações para as perspectivas de sobrevivência do próprio sistema do capital (MÉSZÁROS, 2009, p. 103).

Portanto, a atual fase do capitalismo “ameaça privar o sistema do capital em geral de sua *raison d'être* histórica” (Ibdem, p. 104). O ponto central para entender a crise estrutural é que ela “reside dentro e emana das três dimensões internas” do capital que consistem na produção, no consumo e na circulação/distribuição/realização. Conforme Mézáros (Ibdem, p. 798), estas dimensões tendem a se “fortalecer e a se ampliar por um longo tempo” provendo a reprodução do capital. Essa tríade consiste no mecanismo de auto-expansão do capital e possui uma “unidade contraditória” e enquanto estiver funcionando não pode haver qualquer crise estrutural. Ou seja, a crise estrutural pressupõe a alteração na totalidade desse compósito do capital em todas as suas dimensões visto que cada uma delas possui seus limites absolutos e estes interagem entre si. Por exemplo, os limites absolutos da produção são “expressos pelos meios e materiais de produção”.

Nesses termos, a crise estrutural do capital significa que “a tripla dimensão interna da auto-expansão do capital exhibe perturbações cada vez maiores”. Ela inclina-se a “romper o processo normal de crescimento” e também “pressagia uma falha na sua função vital de deslocar as contradições acumuladas do sistema” (Idem, p. 799).

Em plena concordância com o pensamento de Mézáros (2009, p. 98) compreendemos que o capital é “um modo de controle que se sobrepõe a tudo mais”. Dessa forma, tudo deve se subordinar absolutamente ao capital, a exemplo de “todas as necessidades e aspirações humanas” (Idem, p. 800). A crise do capital possui um caráter destrutivo e afeta todas as esferas de atividades e o conjunto de relações humanas, produzindo “conseqüências desumanizadoras”. Baseando-se nessa premissa, podemos dizer que a crise estrutural do capital evidencia as contradições do sistema capitalista e o seu caráter antagônico, onde quanto mais se trabalha, mais se intensifica a miséria do trabalhador. O contexto atual permeado pela crise estrutural do capital explicita as manifestações da “questão social” no real, a exemplo das conseqüências analisadas abaixo.

Atualmente a lógica perversa do capital é indicada pela “devastação sistemática da natureza” e pela “acumulação contínua do poder de destruição”. Sobre isto, Mézáros (Idem, p. 801) afirma que “ocorre a negação completa das necessidades elementares de incontáveis de milhões de famintos”. É imperativo ressaltar que esse cenário ocorre mundialmente, sem distinção entre países desenvolvidos e países subdesenvolvidos.



O capital gera o conflito geracional crescentemente opondo jovens e velhos de acordo com as necessidades de acumulação. Os seres humanos são expostos à negação da oportunidade de trabalho e tornado “absolutamente necessários e totalmente supérfluos para o capital”. Segundo Mézáros (Ibdem, p. 802), “o grupo etário da ‘geração útil’ está encolhendo para uma faixa entre 25 e 50 anos, opondo-se *objetivamente* às ‘gerações indesejadas’, condenadas pelo capital à inatividade obrigada e à perda da sua humanidade”. Nesse sentido, o capital “pode produzir somente as condições materiais necessárias para o desenvolvimento do indivíduo social autônomo, de modo a negá-las imediatamente”, quando ocorrem as crises que lhe são inerentes.

Mais adiante, o autor considera que o capital manifesta suas contradições. Nesse sentido, ressaltamos que o capital “tanto cria como destrói a família; produz a geração jovem economicamente independente com sua ‘cultura jovem’ e a arruína”; “ajuda a liberar as mulheres para melhor poder explorá-las como membros de uma força de trabalho muito mais variada e convenientemente ‘flexível’” (Ibdem, p. 802).

O desemprego aumentou de forma significativa na sociedade capitalista no século XX atingindo todos os tipos de trabalhadores do mundo em uma escala crescente e sem limites. Segundo Mézáros (2009, p. 225), o desemprego em massa é a “mais grave das doenças sociais” e vem assumindo “proporções crônicas, sem que a tendência a piorar tenha algum fim à vista”. Assim, os parâmetros do desemprego agravam-se com a crise estrutural do capital, ocasionando o aumento de outros problemas sociais e econômicos, como a pobreza, a violência, a redução do padrão de vida dos trabalhadores, a flexibilidade do trabalho e, com ela, a intensificação da precarização da força de trabalho que buscam a todo custo uma maior exploração do trabalho.

Nesse panorama de crise estrutural do capital, abrem-se as “potencialidades objetivas” de outra forma de sociabilidade em que o princípio determinante não seja a exploração de um homem por outro com vistas a acumulação e a expansão do capital. Nesse caso, estamos falando da necessidade de fortalecer a validade da ofensiva socialista na contemporaneidade em meio às conseqüências da crise estrutural do capital que vivenciamos no cotidiano. Para Mézáros (2009, p. 789), aquelas potencialidades são “inerentes à crise estrutural do próprio capital”. Nessa direção, é condição premente que se acentue e ultrapasse sua contradição principal: “a ausência de instrumentos políticos adequados que poderiam transformar essa potencialidade em *realidade*” (Idem, p. 789). Mézáros afirma que é necessário fortalecer as lutas ofensivas em conformidade com os



fundamentos socialistas em detrimento das lutas meramente defensivas que são essencialmente reformistas, pois não alteram a ordem estabelecida.

Nesse direcionamento, concordamos com Mészáros (Ibdem, p. 216-217) ao afirmar que “todo sistema de reprodução sociometabólica tem seus limites intrínsecos ou absolutos, que não podem ser transcendidos sem que o modo de controle prevalecente mude para um modo qualitativamente diferente”. Por conseguinte, com a ativação desses limites absolutos está posta a determinação contemporânea e urgente de “superar os pressupostos estruturais destrutivos do modo estabelecido de controle sociometabólico”, principalmente diante do poder destrutivo do capital e dos graves problemas que atingem a humanidade.

Em contraposição ao argumento dominante da ausência de alternativas ao capital com seu caráter insuperável, Mészáros (2009, p. 220) nos permite a certeza da possibilidade real do fim desse perverso sistema capitalista ao enfatizar que o termo *limites absolutos* “não implica algo absolutamente impossível de ser transcendido”. O referido autor destaca que tais limites são absolutos “apenas para o sistema do capital, devido às determinações mais profundas de seu modo de controle sociometabólico”.

Este pensador (Idem, p. 220) garante a centralidade da classe trabalhadora no processo de transformação da ordem capitalista ao dizer que “vai depender da capacidade ou incapacidade da classe trabalhadora de rearticular o movimento socialista como empreendimento verdadeiramente internacional”. Deste modo, elucida a possibilidade histórica de outro rumo para a sociedade atual que requisita a “luta para superar os ameaçadores limites absolutos do sistema do capital” que, conseqüentemente, “tende a determinar os planos históricos no futuro previsível” (Ibdem, p. 221).

A ativação dos limites absolutos do capital permite a ativação do espectro da incontabilidade total e destrutiva do capital enquanto sistema reprodutivo social. Assim, fazem com que as “condições necessárias para assegurar e manter o bom funcionamento do sistema” escape “ao controle do capital” (Ibdem, p. 226).

As expressões da ativação dos limites absolutos do capital representam um “conjunto de grandes contradições” próprias ao sistema do capital. As questões discutidas por Mészáros são: o antagonismo estrutural inconciliável entre o capital transnacional e os Estados nacionais; a destruição e devastação do meio ambiente; a liberação das mulheres; e o desemprego crônico.

Mészáros (Ibdem, p. 226) explicita que “esses limites absolutos do sistema do capital ativados nas atuais circunstâncias” são “inerentes à lei do valor”. Em seguida lembra que não obstante esses “quatro conjuntos de determinantes” terem sido positivos para a

“expansão dinâmica” e ao “avanço histórico do capital”, eles já “não podem mais continuar sendo positivamente sustentados”. Sobretudo porque devido à “ameaça da incontrollabilidade do capital” nas condições atuais eles “já não representam apenas uma *ausência*”, mas “um *impedimento atuante* para a acumulação tranquila do capital e o funcionamento futuro do sistema global do capital” (Mészáros, 2009, p. 227).

3. Conclusões

Entendemos que a crise estrutural afeta a totalidade do sistema do capital em suas dimensões internas (produção, consumo e circulação/distribuição/realização), rompendo com o processo de crescimento e evidenciando suas contradições. A partir da análise de Mészáros, verificamos que o capital subordina todas as esferas da vida social, por conseguinte, traz conseqüências para a “questão social” em nível mundial a partir do aumento significativo da fome; dos conflitos geracionais entre jovens e velhos; da liberação das mulheres para uma maior exploração; e do desemprego, que acarreta na redução do padrão de vida e na flexibilidade e precarização do trabalho, ou seja, na maior exploração daqueles que estão inseridos no exército ativo de trabalhadores.

Por fim, concluímos que no contexto da crise estrutural a ativação dos limites absolutos do capital ativa o caráter de destrutividade desse sistema, havendo o acirramento de vários problemas existentes no seio da sociedade capitalista e indicando a impossibilidade de suprimi-los sem alterar a forma de sociedade em vigor. Desse modo, elucidamos a atualidade da ofensiva socialista bem como da centralidade da classe trabalhadora nesse processo em busca da transição para outra ordem societária onde não exista exploração do trabalho.

4. Referências

- MARX, K. O Capital: crítica da economia política. Vol. 1. Tomo 2. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- MÉSZÁROS, I. Para além do capital: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo, 2009.